

NOSSA SENHORA DA ATALAIA E O CÍRIO DAS CABANEIRAS

CAPÍTULO XII

Chego assim ao final deste livro, escrevendo sobre a mais antiga manifestação que comprova que a aldeia de Quinta do Anjo não era apenas um conjunto de casais dispersos em torno do morgado da Fonte do Anjo, mas sim uma comunidade organizada com as suas tradições e iniciativas. Curiosamente encontrei esse testemunho onde menos o esperava – nos registos dos roubos que as tropas francesas fizeram durante as invasões.⁴¹⁹ Mas já lá vamos a essa história.

Não se sabe exatamente quando surgiu o Círio da Quinta do Anjo, mas sabe-se que na lista de 1823 vem

indicado como tendo sido fundado em 1723. Como já vimos no capítulo VI, a aldeia de Quinta do Anjo teve vários topónimos até ao final do séc. XIX, e esse facto traz problemas acrescidos à pesquisa histórica. Porém, é de crer que, quando há referência aos Círios de Palmela, Louro ou Barris, a população da Quinta do Anjo esteja incluída.

Por outro lado, como iremos ver, este é um culto exclusivamente popular. Ao contrário do Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel, esta romaria surgiu do povo para o povo e sem o envolvimento do clero.



132 Peditório para a festa da Atalaia, na Quinta do Anjo, 1907. Um dos homens transporta da *maquineta* com a imagem da Nossa Senhora da Atalaia, cinco músicos acompanham o grupo e dois dos rapazinhos, de barrete na cabeça têm nas mãos os foguetes que era lançados no ar quando alguém fazia um contributo para a festa. Coleção Gilberto Cipriano. Foto: José Bárcia



133 O círrio da Quinta do Anjo partindo do adro da igreja, recém inaugurada. Este seria o último ano em que usariam carros de bois. No terceiro carro a contar da direita vai o juiz segurando o guião e a maquineta, a caixa que transporta a imagem da N.ª S.ª da Atalaia. Foto: José Bácia, 1909

COMO SURTIU O CULTO A NOSSA SENHORA DA ATALAIA?

Recomendo a leitura do livro *Tradições Religiosas entre o Tejo e o Sado*⁴²⁰, mas aqui fica o resumo do início do culto. Segundo Luís Marques, o autor, a festa da Atalaia – não confundir com a Festa do Avante que tem lugar na Atalaia próximo do Seixal – tem origem numa fonte junto à qual a figura de Nossa Senhora teria aparecido em cima de uma aroeira. Diz a lenda que a água da fonte tornou-se santa e que curava muitos males. Ao ver a santa imagem junto à fonte, o povo levou-a para uma casa próxima onde foi colocada num poial, uma cantareira, para ficar mais protegida. Mais tarde construíram uma igreja ao lado da casa e a imagem foi levada para o altar dessa igreja. Porém, no dia seguinte, a imagem voltou a aparecer na cantareira. De novo foi levada para a igreja e de novo reapareceu na cantareira. Tantas vezes se repetiu o caso que resolveram fazer uma réplica da imagem para deixar uma na cantareira e outra no altar da igreja. Chamaram então *Senhora Velha* à original da cantareira e *Senhora Moça* à da igreja e a casa da cantareira passou a servir de sacristia.

QUATRO CIRIOS DA FREGUESIA DE PALMELA vão à Festa da Atalaia, anunciava a 20 de agosto de 1905 o jornal de Setúbal *Districto*. *O da vila entrava no sábado e a procissão, com andor, bandeiras, sacerdote e banda musical local, sendo o fogo (=foguetes) muito pouco; o da Quinta do Anjo entra no domingo de manhã, vae conduzido em carros de bois com os respectivos toldos, levando no percurso a tradicional gaita de foles que é reforçada ali por musica contractada ad-hoc, sendo muitos foguetes que se queimam; os da Carregueira e Olhos d'Agua entram a cavallo pelas 10 horas da manhã, (...) até se postarem ante o santuario como que depondo aos pés da Virgem os septros, bandeiras, varas e mais prendas. (...) Durante o trajecto que se faz acompanhado de musica e guarda de cavallaria, a quantidade de fogo que se queima é enorme, não lhes faltando a festa o característico Ze Preira que é a musica que de noite mais longe se ouve, servindo de consolação aos que ficaram em casa. (...) Sendo o regresso do primeiro na segunda feira com entrada solemne em Palmela e os restantes regressam na terça feira.*

Terá sido um cortejo semelhante a este que, uma reportagem do jornal *A Época*, numa edição de 1 de setembro de 1902, refere que partiu no sábado à tarde e só chegou às 9 horas da manhã do dia seguinte.